

**PKS**

PUBLIC  
KNOWLEDGE  
PROJECT

**REVISTA DE GEOGRAFIA  
(UFPE)**

[www.ufpe.br/revistageografia](http://www.ufpe.br/revistageografia)

**OJS**

OPEN  
JOURNAL  
SYSTEMS

## REFLEXÕES SOBRE PAISAGEM E TERRITÓRIO NA ORGANIZAÇÃO ESPACIAL DO CERRADO PIAUIENSE

*Rosemeri Melo e Souza<sup>1</sup> ; Anézia Maria Fonsêca Barbosa<sup>2</sup>*

*1 - Professora Associada do Departamento e do Núcleo de Pós-Graduação em Geografia – UFS, Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq. Líder do GEOPLAN/CNPq/UFS - rome@ufs.br*

*2 – Mestre em Desenvolvimento e Meio Ambiente – UFPI, Doutoranda em Geografia – UFS, Membro Pesquisador do GEOPLAN/UFS - aneziamaria.barbosa@gmail.com*

*Artigo recebido em 13/07/2010 e aceito em 27/06/2011*

### RESUMO

A grande influência das aspirações capitalistas no incremento da atividade agrícola no país norteou profundas transformações de ordem social, econômica, cultural, territorial, paisagística e ambiental. Nesta perspectiva, diversas áreas do território brasileiro tornaram-se consideravelmente atraentes, como é o caso das regiões que compreendem o bioma Cerrado, que, segundo Alves (2005), por apresentarem condições naturais, propícias fizeram deste bioma uma das paisagens mais transformadas nos últimos anos do século XX. Desta forma, o desempenho crescente do setor agrícola, embasado na produção de grãos, voltados ao mercado externo, serviram para determinar a nova lógica de organização dos territórios rurais no Brasil, dentre eles aqueles localizados no cerrado nordestino, e em especial no Estado do Piauí. Neste sentido, este artigo irá analisar a relação entre o conceito de território e paisagem como condição fundamental para se compreender a organização do espaço agrícola existente no cerrado piauiense.

**Palavras-chave:** agricultura, dinâmicas espaciais, territórios, paisagem

## REFLECTIONS ABOUT LANDSCAPE AND TERRITORY ON SPATIAL ORGANIZATION OF PIAUI STATE SAVANNA

### ABSTRACT

The great influence of capitalist aspirations in greater activity agriculture in the country guided profound transformations of social, economic, cultural, territorial and environmental and landscape. In this perspective, several areas of Brazil have become pretty attractive, as is the case of regions that comprise the Savannas, which according to Alves (2005) by presenting natural conditions ripe biome made this one of the most transformed landscapes, in recent years of twentieth century. Thus, the increasing performance of the agricultural sector, based on grain production, aimed at the export market, served to determine the new logic of organization of rural areas in Brazil, among them those located in the north-eastern grasslands, and especially on Piauí state. Therefore, this article examines the relationship between the concept of territory and landscape as a fundamental condition for understanding the spatial organization of agriculture on Piauí Cerrado.

**Keywords:** agriculture, spatial dynamics, territory, landscape

## INTRODUÇÃO

As atividades norteadoras desse trabalho estão propostas à luz da discussão da Geografia enquanto ciência social cujo arcabouço possui categorias que expressam sua identidade ao discutir a ação humana no ato de modelar e reorganizar a superfície terrestre.

Tal reorganização, segundo Camargo (2008), consiste na análise do espaço geográfico de acordo como o meio técnico e científico que intermedeia a relação sociedade-natureza, demonstrando, assim, como se organiza o espaço a partir da atuação cultural e, sobretudo econômica.

Considerando esta concepção de arranjo espacial, podemos observar que a natureza assume padrões móveis de organização cujo movimento torna-se essencial para sua existência. Neste sentido, a natureza expressa o seu caráter dialético constituinte entre ela e a sociedade em cada momento histórico (MORAIS, 1999).

Esta dialética ocorrida entre a sociedade e a natureza constitui-se como condição fundamental para criar marcas no espaço geográfico, dando condições para a implantação de novas formas de configuração territorial. Por conseguinte, essa natureza é vista pela sociedade como um recurso o qual é dominado pelo homem, agente transformador, e, assim, o

meio natural é observado como uma externalidade aos seres sociais.

Venturi (2008) considera que a materialização dos recursos disponíveis na natureza dá condições para que a sociedade possa usá-los a um determinado fim, os quais, através de sua exposição pela paisagem, passam a ser valorizados e despertam interesses. Neste sentido, a ação da sociedade sobre a natureza, em cada período econômico, implica no uso de recursos diversos que têm seu valor de utilização no comando da economia mundial.

Como consequência, Venturi destaca que, “o homem, ao lançar sobre a natureza um olhar de algo que pode de alguma forma, ser aproveitado, transforma o elemento em um recurso natural” (2008, p.37). Destarte, a incorporação da condição econômica a determinados espaços faz com que a sociedade passe a utilizá-los de maneira intensa, produzindo outras organizações espaciais que levarão à formação de territórios e, conseqüentemente, à remodelagem da paisagem, seja ela local ou global.

Bertrand e Bertrand (2007) analisam esse aproveitamento dos recursos como uma forma de apropriação dos homens sobre o espaço, a partir da evolução da própria sociedade que, desde o período do neolítico, tornou-se cada vez mais dominante do seu local de vivência,

criando, assim, o tempo antropizado onde as velocidades das transformações espaciais passarão a ser muito rápidas.

Ademais, Camargo (2008, p. 132) ressalta que,

*A velocidade imposta ao espaço [...], alteram permanentemente, pois estão associadas às dissipações internas das estruturas, levando os processos a se sucederem dentro de um conjunto de funções que acompanha a dinâmica espacial.*

Desta forma, a ciência geográfica, mesmo na sua concepção mais clássica, é analisada como uma disciplina híbrida, cuja finalidade de seu conhecimento está na integração entre os fatos naturais e sociais. Nesta perspectiva, tal ciência nasce intrinsecamente à noção de território, por ser, em todos os seus aspectos de constituição, um objeto extremamente social, que, por sua vez, gera a relação de poder sobre determinado espaço.

As relações de domínio que passam a se submeter em cada espaço terrestre vão sendo criadas de forma alternada entre o meio natural e social suas paisagens. Segundo Berthand e Berthand, “as paisagens pertencem ao mundo das representações, da estética e da simbologia, ela está na raiz de novos

comportamentos e de novos valores que abalam as nossas interações com os territórios” (op.cit., p. 289).

Desta maneira, vale ressaltar que as condições apresentadas nos conduzem a questionar como a organização sócio-espacial deve ser levada à discussão a partir da análise dos conceitos-chave da geografia.

Portanto, é de grande importância e necessidade considerar duas categorias fundamentais da ciência geográfica, as quais levam ao entendimento deste processo de ordenamento espacial, são elas: Território e Paisagem.

## **TERRITÓRIO E PAISAGEM: UMA CONSTRUÇÃO PROCESSUAL DA EVOLUÇÃO SOCIAL**

Território é entendido como um dos temas mais complexos na análise dos conceitos-chave da geografia. Por ser construído e desconstruído nas diferentes escalas temporais, os territórios podem ter o caráter permanente, mas também podem ter existência periódica ou cíclica, transformando-se assim em elemento da natureza espacial criado pela sociedade, cujo objetivo é lutar para conquistá-lo ou protegê-lo (HAESBAERT, 2006).

No entanto, Araújo (2006) assevera que a construção do espaço integra a evolução técnica da humanidade. Porém, na

globalização em vigência, o espaço geográfico passou a internalizar um novo significado, no qual a divisão do mundo em diversas áreas de mercado configura espaços territorialmente demarcados segundo a necessidade de cada grupo social. Desta forma, as regiões destinadas à produção agrícola constituem, no período hodierno, seletivos espaços geográficos que atendem ao processo da economia mundial atual.

Nesse sentido, o território passa a ser visto como aquele espaço social onde o caráter econômico do mercado vigente pode levar a um desenvolvimento mais duradouro, constituindo-se assim como um recurso de gestão de diferentes interesses das diversas camadas populacionais. Tal construção, econômica e cultural, dá aos territórios sua dinamicidade de funcionamento revelando o meio ambiente antropizado (BERTRAND, 2007).

Dentre as diversas formas de atuação do homem sobre o meio, criam-se diferentes tipos de territórios, os quais surgem para atender à finalidade de colocar direcionamento ao ordenamento espacial de atuação social. Por esse motivo, temos territórios que estão em constante processo de reprodução caracterizando a sua dinamicidade entre os demais espaços.

A atuação tecnológica nos diversos seguimentos econômicos têm propiciado uma reconfiguração territorial em várias

áreas do planeta, pois as aspirações da sociedade moderna, pautadas na atuação do capital, deram condições para as mobilidades territoriais, sendo que estas passaram a ser categorizadas ou classificadas como áreas de atuação urbana, mineral, agrícola, dentre outras analisadas na ciência geográfica, a partir da sua contribuição com o desenvolvimento social e econômico.

Destarte, Camargo (2008) considera que as velocidades de transformações impostas ao espaço geográfico alteram de forma permanente os fixos e os fluxos, associando-se a isto novas configurações territoriais, as quais têm o poder de classificação do globo terrestre.

Nesta lógica de acontecimentos, o desenvolvimento e a introdução de novas técnicas são condições fundamentais para a produção de novos territórios. Os mesmos terão, nos instrumentos de trabalho, as ferramentas condicionantes que levarão a produzir os territórios de dominação, a partir do incremento de capital, tecnologia, circulação, distribuição e consumo dos elementos que marcam a formação territorial.

Ademais, Gottmann (1973 apud SAQUET, 2006), destaca que a necessidade de integração econômica baseada no processo de desenvolvimento da agricultura moderna produz formação de múltiplos territórios. Estes consistem no

compartimento do espaço que geram diversificação de valores e organização, cujas funções principais servem de abrigo, *locus* de segurança e de trampolim para o surgimento de oportunidades que gerem riquezas.

Neste sentido, a conotação política do território relaciona-se ao espaço do indivíduo, de deslocamento sem limites e de apreensão da realidade pelos integrantes. Por isso, Santos, Sousa e Silveira (2002, p. 16) inferem que os territórios são “sinônimos de espaço humano, espaço habitado”, ao enfatizarem um novo modelo de construção e funcionamento do território. Por sua vez, os territórios, apresentam, sobretudo, mudanças significativas na paisagem, destacando assim, a relação dialética entre todos os elementos que o compõem.

Nessa perspectiva, Haesbaert (2006) entende que o território vincula-se à geografia política ou a geopolítica, isto é, contemplam as dimensões políticas e afetivas ou ambas, revelando-se como palco de relações de poder e dominação. Assim, este espaço passa a ser analisado sob concepções que, segundo o autor, são vertentes básicas, ou seja, ele é visto como um objeto que rege uma ordem política, cultural e econômica.

Desse modo, a organização das áreas rurais no Brasil representa esta divisão geopolítica, principalmente nas regiões

produtoras de grãos que dominam os espaços territoriais onde elas são instaladas, em relação àqueles com produção voltada para o abastecimento do mercado interno.

Para tanto, Sposito (2004, p.113) analisa território a partir das “diferentes maneiras que a sociedade se utiliza para se apropriar e transformar a natureza”, na medida em que se constitui em *locus* provedor de recursos naturais necessários para a realização de distintas atividades produtivas, como: indústria, mineração e agricultura.

Estas atividades, em muitos casos, são causadoras de grandes impactos ambientais, sendo a mineração e a agricultura responsáveis por erosividade, desencadeada, especificamente, pela perda de solos oriundos do processo de desmatamento, bem como a consequente poluição dos aquíferos superficiais e subterrâneos, com a utilização de materiais pesados provenientes do melhoramento das condições de manejo nos sistemas agrícolas e minerais.

Além disso, a predominância de informações e a densidade técnica em determinado local tornam o território apto a atrair atividades intensivas em capital, tecnologia e organização. Este fato acaba gestando consequentemente grande dinamicidade que o conduzirá, em consonância com Santos e Silveira (2001),

à condição para o surgimento de espaços luminosos, os quais, por acumularem densidades técnicas e informacionais, ficam aptos a promover mudanças espaciais e, terão como finalidade atrair mais atividades que possam conter uma maior implantação de capital, tecnologia e informação, fatos estes observados no Cerrado piauiense derivados da implantação da atividade sojifera a partir da década de 1990.

Todavia, este contexto, ao mesmo tempo, destrói identidades culturais, possibilitando o surgimento de outra forma de territorialização, reconhecida por Ortiz (1994 apud HAESBAERT, 2006) como desterritorialização que se caracterizam pelas relações sociais, econômicas, políticas e culturais que estão articuladas e somadas entre si. E tem nestas relações o palco do processo de transformação do modo de vida da sociedade que vive integrada a esta dinâmica territorial encontrada, no momento hodierno, nos cerrados piauienses.

Destarte, centrada na apropriação do espaço conforme a necessidade dos grupos migrantes, a produção de distintos territórios nestes locais traz, em seu bojo, comportamentos externos à comunidade da região, como também promove, por um lado, a integração e, por outro, a exclusão de grupos sociais locais (HAESBAERT, 2002).

Desta forma, Sousa e Passos (2007) consideraram a proximidade da abordagem quando se discute o território com o conceito-chave paisagem, pois é a partir da dinâmica territorial que se dá a pré-condição para a sua existência. Assim, a paisagem passa a ser percebida como constituição da sociedade, que expressam no espaço seu modo de vivência.

Destarte, percebe-se que a presença de diversas fazendas produtoras de grãos, em especial a soja, tem gerado uma reconfiguração das paisagens dos cerrados piauienses. (Figura 1).

Fornecendo subsídios para a comparação entre a Figura 1 e a literatura, Saquet (2007, p.143) explica que, para “Claude Raffestin, o território é fruto do processo histórico de transformação do espaço, principalmente economicamente e politicamente”. Nesta concepção, analisamos a paisagem considerando a relação dialética entre os diversos elementos que a compõe e seu constante movimento no tempo e no espaço, ocasionando, no caso dos municípios piauienses produtores de grãos, um novo ordenamento territorial e paisagístico, tanto em nível local quanto regional.

Para Bertrand (2004, p. 141), “a paisagem não deve ser percebida como uma simples adição de elementos geográficos disparatados, mas como uma determinada porção do espaço, resultado da

combinação dinâmica dos elementos físicos, biológicos e antrópicos”, os quais levam ao processo de transformação visual de determinadas regiões, é o caso das áreas produtoras de soja, no cerrado piauiense.

Assim, as paisagens são percebidas de forma dialética e constituem-se num conjunto único e indissociável em constante evolução.



Figura 1: Visão parcial da Fazenda União 2000 localizada no município de Uruçuí-PI.

Fonte: Fianco (2007).

Por conseguinte, Santos (1994, p.15) afirma que,

*[...] a paisagem não é dada para todo o sempre, é objeto de mudança. É um resultado de adições e subtrações sucessivas. É uma espécie de marca da história do trabalho, das técnicas. Por isso, ela própria é parcialmente trabalho morto, já que é formada por elementos naturais e artificiais.*

Neste sentido, Rocha (2008) encara a expressão paisagem como a representação da humanidade e portadora de sentidos, marcando no espaço o encontro do homem com a natureza. Sendo assim, a paisagem passa a ser a forma como os homens constroem sua nova natureza, sobre outra natureza, caracterizando mais seu mundo social, cultural sobre um universo material.

Ainda de acordo com Santos (2007, p. 54),

*A paisagem nada tem de fixo, de imóvel. Cada vez que a sociedade passa por um processo de mudanças, a economia, as relações sociais e políticas também mudam, em ritmos e intensidade variados. A mesma coisa acontece em relação ao espaço e à paisagem que se transforma para se adaptar às novas necessidades da sociedade.*

Portanto, em consonância com Rocha (2008), a paisagem pode ser considerada como uma construção cultural dentro de um universo político e econômico implementado por técnicas que detêm dimensões espaciais palpáveis e que geram nestes territórios *locus* de dominação social sobre os demais em seu entorno, como pode ser verificado no cerrado piauiense.

### **CERRADO PIAUIENSE E A IMPLANTAÇÃO DOS PROJETOS AGRÍCOLAS**

As regiões que compreendem as formações de vegetações savânicas no mundo, apesar de não apresentarem elevada fertilidade, são áreas com forte poder de atração populacional, em função de estarem sendo transformadas em

pastagens e em monoculturas (CONTI e FURLAN, 2003).

Conforme Faleiro *et al* (2008), o Cerrado, além de ser a segunda maior formação vegetal no Brasil, perdendo apenas para a Amazônia, é a savana tropical mais rica do mundo em biodiversidade.

O Cerrado brasileiro localiza-se preponderantemente na porção central do país, mas aparecem também em diversas partes do território (Figura 2), os quais foram ocupados economicamente, principalmente os que se localizam no Estado do Piauí, a partir da década de 1970, com a implantação de políticas públicas do governo federal que visavam à dinamização da economia no Nordeste brasileiro. Dessa forma, a produção agropecuária passa a incrementar significativamente a participação do agronegócio no PIB do Brasil.

Segundo Lopes e Daher (2008) e Aguiar (2005), até o final do século XIX, os complexos vegetacionais que abrangiam o domínio do Cerrado no Brasil eram pouco explorados em função da baixíssima densidade demográfica, inclusive, até o início dos anos de 1960, eram considerados marginais para a realização de atividade econômica, em virtude da baixa fertilidade dos solos, da distribuição irregular das chuvas e da ausência de infraestrutura que viabilizassem a

comunicação com os demais complexos regionais do Brasil.

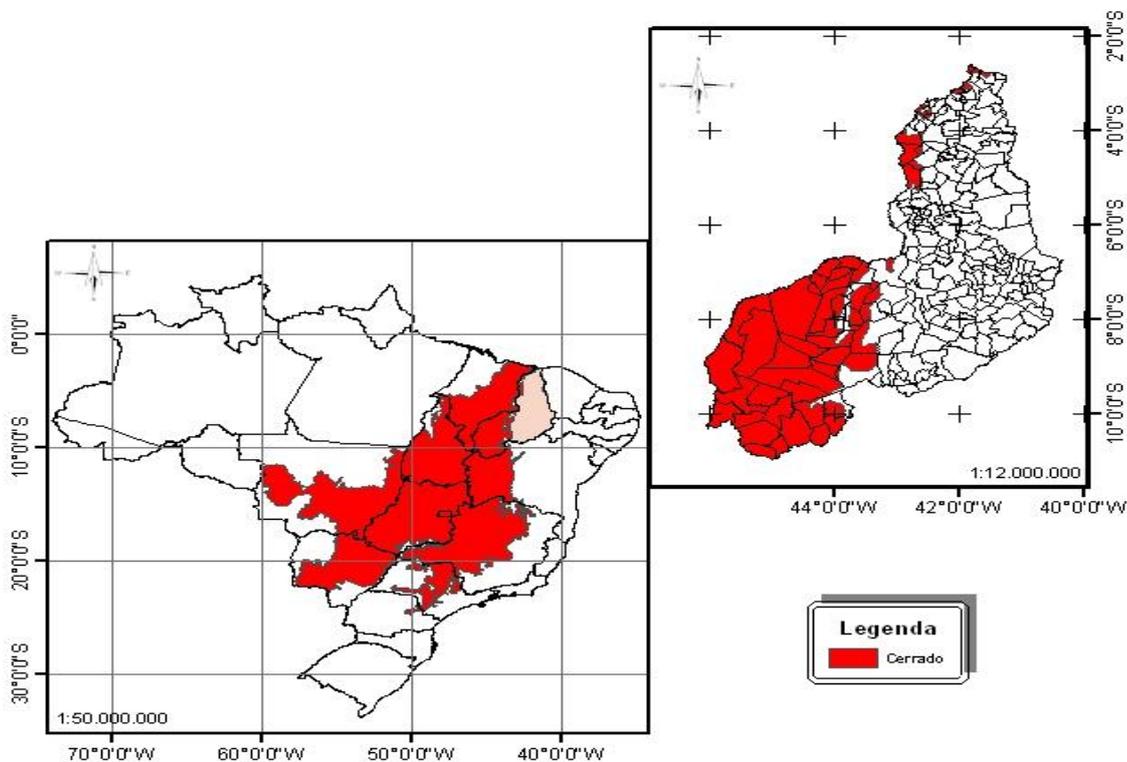


Figura 2: Localização dos Cerrados no Brasil e no Piauí.

Fonte: IBGE (2005), adaptado por Oliveira (2009).

Essa realidade foi sendo aos poucos modificada, pois essas áreas passaram a receber diversos incentivos do governo brasileiro, culminando, nos últimos anos do século XX, no processo de inovações técnicas e organizacionais do sistema agrícola no país, implantado pelos produtores rurais oriundos do Centro-Sul do Brasil. Dessa forma, o cerrado passa a criar novas formas de organizações espaciais que terão como base de transformações o desenvolvimento do agronegócio.

Em consonância com Santos e Silveira (2001, p. 118),

*O aproveitamento de momentos vagos no calendário agrícola ou o encurtamento dos ciclos vegetais, a velocidade da circulação de produtos e de informações, a disponibilidade de créditos e a permanência dada à exportação, constituem, certamente, dados que vão permitir reinventar a natureza, modificando solos, [...], e embora pontualmente, impondo leis ao clima. Eis o novo agrícola do território no período técnico-científico-informacional.*

Esta perspectiva apresentada por Santos corresponde ao processo de modernização em manchas ocorridas no cerrado. Tal modernização, no Nordeste brasileiro, constitui-se de maneira descontínua e especializada; no Estado do Piauí, de todos os 29 (vinte e nove) municípios que integram o cerrado, somente 4 (quatro) estão totalmente dentro do circuito da produção agrícola moderna, são eles: Uruçuí, Ribeiro Gonçalves, Baixa Grande do Ribeiro e Bom Jesus.

Nesses municípios, a territorialização do capital agrícola trazida pelos “gaúchos” promoveu diferentes organizações espaciais fundamentais para o surgimento de novas paisagens no espaço rural destas áreas. Pavimentação das estradas; expansão do sistema de comunicações; abastecimento de energia e água; instalação de condomínios residenciais; implantação empresa multinacional; ampliação do setor terciário, sobretudo do comércio, além de grandes faixas de terras voltadas para a monocultura, constituem-se em implementações infraestruturais responsáveis pelas principais mudanças identificadas no corredor agroindustrial no cerrado piauiense.

Observa-se que, a partir desse quadro apresentado, novas desigualdades territoriais foram surgindo no espaço rural local, uma vez que as ações implantadas

pelos sulistas tinham por objetivo atender ao mercado externo.

Dessa forma, a naturalização artificial do espaço geográfico é imprescindível para compreendermos a relação que a sociedade em cada momento histórico promove no ordenamento regional e sua materialização do meio, na busca de sempre suprir suas necessidades, as quais nos conduzem a analisarmos a proximidade que existe na discussão dos conceitos-chave de território e paisagem como construção social.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia enquanto ciência social deixa clara a inter-relação existente entre a sociedade e a natureza no processo de produção e organização do modo e do local de vivência.

Este espaço que reflete a complexidade da atuação do homem: ora de maneira intensamente transformada, ora a partir de técnicas menos modificadoras. Tal complexidade é caracterizada por formas de apropriação e uso dos lugares, ocasionando o surgimento de territórios e, por conseguinte UMA,/reconfiguração das paisagens.

Desta forma, a cada reestruturação da paisagem com base no novo reordenamento do espaço geográfico, diversas possibilidades sistêmicas podem emergir fazendo deste espaço um *locus* de

reprodução permanente, que terá no meio técnico-científico seus meios de transformações.

Portanto, o cerrado piauiense configura-se neste espaço de transformação, que, nos anos de 1990, acelerou de forma expressiva a produção de grãos, sobretudo a soja, como base do desenvolvimento do sistema agrícola local e que modificou intensamente seus territórios de poder e, conseqüentemente, sua paisagem.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, V. E. L. Barreiras/Luiz Eduardo Magalhães (BA), Balsas (MA), Uruçuí/Bom Jesus (PI): as novas cidades para o agronegócio nos cerrados nordestinos. In: III SIMPÓSIO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA – II SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, JORNADA ARIIVALDO UMBELINO DE OLIVEIRA, 2005, Presidente Prudente, **Anais**. Presidente Prudente, 2005.
- AGUIAR, T. de J. A. **Ocupação do cerrado piauiense**: modelo agrícola e desenvolvimento sustentável em Uruçuí. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.
- ARAÚJO, M. R. S. de. **A expansão da fronteira agrícola nos cerrados piauiense, (des) territorialização e os desafios para o desenvolvimento territorial**: o caso do município de Bom Jesus. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente) Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2006.
- BERTRAND, G. Paisagem e geografia física global. Esboço metodológico. In: **RA’EGA**. Curitiba, n.8, Editora da UFPR, 2004, p. 141-152.
- BERTRAND, G. e BERTRAND, C. **Uma geografia transversal e de travessias**: o meio ambiente através dos territórios e das temporalidades. Maringá: Ed. Massoni, 2007.
- CAMARGO, L. H. R. de. **A ruptura do meio ambiente**: conhecendo as mudanças ambientais do planeta através de uma nova percepção da ciência: a geografia da complexidade. 2ª ed. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2008.
- CONTI, J. B.; FURLAN, S. A. Geocologia: o clima, os solos e a biota. In: ROSS, J. L. S. **Geografia do Brasil**, 4ª ed. 1. Reimpressão. São Paulo: Edusp, 2003.
- FALEIRO, F. G.; FARIAS NETO, A. L. de.; GAMA, L. C.; SOUZA, E. dos S. O simpósio nacional sobre o Cerrado e o simpósio internacional sobre savanas tropicais. In: FALEIRO, F. G.; FARIAS NETO, A. L. de. **Savanas**: desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais. Planaltina, Embrapa Cerrados, 2008.
- HAESBAERT, R.. **Territórios alternativos**. Niterói: EDUFF; São Paulo: Contexto, 2002.
- \_\_\_\_\_. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2ª ed. Rio de Janeiro: Berthand Brasil, 2006.
- LOPES, A. S.; DAHER, E. Agronegócio e recursos naturais no Cerrado: desafios para uma coexistência harmônica. In: FALEIRO, F. G.; FARIAS NETO, A. L. de. **Savanas**: desafios e estratégias para o equilíbrio entre sociedade, agronegócio e recursos naturais. Planaltina, Embrapa Cerrados, 2008.

MORAIS, E. M. B de. Evolução epistemológica do conceito de natureza. IN.: Boletim **Goiano de Geografia/Instituto de Estudos Sócio-Ambientais**. Curso de Geografia – ufg. Vol. 19, n. 2, jan/dez 1999.

PRADO JÚNIOR, C. **História econômica do Brasil**. 47. reimpressão. da 1ª ed. de 1945. São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado**. Fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo, 1994.

\_\_\_\_\_. **Pensado o espaço do homem**. 5ª ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SANTOS, M. e SILVEIRA, M. L. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, M.; SOUZA, M. A. A. de; SILVEIRA, M. L. (Org.). **Território: globalização e fragmentação**. 5ª ed. Editora Hucitec, Anne Blume. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. São Paulo, 2002.

SAQUET, M. A. Por uma abordagem territorial das relações urbano-rurais no sudoeste paranaense. In: SPOSITO, M. E. B; WHITACKER, A. M. (Org.). **Cidade e campo: relações entre urbano e rural**. 1ª ed. São Paulo: Expressão popular, 2006.

\_\_\_\_\_. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007.

SOUSA, R. J de; PASSOS, M. M dos. Algumas reflexões sobre o território enquanto condição para a existência da paisagem. Disponível em: <[http://www.dge.uem.br/seman/eixo7/trabalho\\_46.pdf](http://www.dge.uem.br/seman/eixo7/trabalho_46.pdf)> Acesso em: 12 set 2009.

SPOSITO, E. S. **Geografia e filosofia: contribuição para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

ROCHA, J. C. Diálogo entre as categorias da geografia: espaço, território e paisagem. In: **Caminhos da geografia**. Uberlândia, v. 9, n. 27, 2008, p.128-142.

VENTURI, L. A. B. **Ensaios geográficos**. São Paulo: Humanitas, 2008.